

Meninos brincam de boneca? Normas sociais e papéis de gênero na legitimação da discriminação¹

Do boys play with dolls? Social norms and gender roles in the legitimization of discrimination

Heitor Marinho da Silva Araújo² & Ana Raquel Rosas Torres³

RESUMO: O presente estudo investigou a interseção entre a contranormatividade dos papéis de gênero, crenças conservadoras e o sexismo ambivalente. Uma pesquisa presencial foi conduzida com 303 participantes universitários, distribuídos igualmente entre os gêneros masculino (50,1%) e feminino (49,9%). Os participantes foram submetidos a um cenário experimental 2x2, no qual um pai adquiria uma boneca ou um carrinho para seu filho ou filha, seguido por questionários sobre suas percepções da situação. Foram coletados dados do Inventário do Sexismo Ambivalente e da Escala de Concepções de Masculinidade (ECM) para investigar a influência dos índices dos participantes na percepção do cenário experimental. Análises univariadas e de regressão, além do protocolo PROCESS para testar modelos de moderação mediada e mediação simples, foram realizados utilizando o software SPSS. Os resultados indicaram que a percepção dos cenários variou conforme sua contranormatividade, e revelaram uma correlação positiva entre as crenças de masculinidade e o preconceito sexista. O fator de restrição emocional da ECM explicou a percepção negativa dos cenários onde a menina brincava com um carrinho e o menino com uma boneca ($\beta = .48$; $p < .001$). O modelo de mediação simples demonstrou um efeito indireto significativo desse fator na percepção dos participantes ($\beta = 0.48$, 95% IC [0.39, 0.57], $t = 10.51$, $p < .001$). Esses achados destacam a importância do letramento de gênero e a necessidade contínua de desconstruir os papéis de gênero restritivos impostos aos meninos e homens, em meio a uma resistência persistente na sociedade.

Palavras-chave: Norma Social; Papéis de Gênero; Sexismo Ambivalente; Concepções de Masculinidade.

¹ A Pesquisa foi financiada por bolsa de Mestrado para o primeiro autor da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ).

² Universidade Federal da Bahia (UFBA)

³ Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

ABSTRACT: The present study aimed to investigate the extent to which gender role contranormativity is intersected by conservative beliefs and ambivalent sexism. A presencal survey was conducted with a sample of 303 university student participants, consisting of 50.1% male and 49.9% female. Participants were exposed to a 2x2 experimental scenario where a parent purchased a doll or a car for their son or daughter, followed by responding to items and questions about their perception of the situation. Data from the Ambivalent Sexism Inventory and the Masculinity Conceptions Scale (MCS) were collected to determine if participants' scores influenced their perception of the experimental scenario. Using SPSS software, univariate and regression analyses were performed, along with the PROCESS protocol to test moderated mediated and simple mediation models. Results demonstrated differences in perception of scenarios as they became more contranormative and indicated a positive correlation between masculinity beliefs and sexist prejudice. The emotional restriction factor ($\beta = .48$; $p < .001$) of the MCS scale explained the negative perception of scenarios where the girl played with a car and the boy with a doll. Testing the simple mediation model revealed a significant indirect effect of this factor as a mediator of participants perception ($\beta = 0.48$, 95% CI [0.39, 0.57], $t = 10.51$, $p < .001$). Thus, the need and urgency of gender literacy was demonstrated, as well as how much progress still needs to be made as a society to deconstruct restrictive gender roles for boys and men, which are still subject to significant resistance.

Keywords: Social Norm; Gender Roles; Ambivalent Sexism; Masculinity Conceptions.

Introdução

Durante a última década, observou-se um progresso notável na sociedade brasileira em relação às políticas destinadas a proteger a vida das mulheres e promover a equidade de gênero em várias esferas, tanto públicas quanto privadas. Um exemplo emblemático desse avanço é a promulgação da Lei da Importunação Sexual (Lei n.

13.718/2018), cuja concepção foi impulsionada diretamente pela pressão exercida por parlamentares e movimentos sociais que demandam maior segurança para as mulheres. Tal progressismo suscita reflexões acerca do papel das crenças normativas sobre os papéis de homens e mulheres na sociedade, bem como a postura adotada pelos indivíduos na sociedade brasileira. Com efeito, as atitudes discriminatórias não emergem em um vácuo social, estando imersas num tecido social que perpetua sua existência, sendo muitas vezes fundamentadas em conjuntos de crenças amplamente disseminadas entre os membros da sociedade (Linhares & Torres, 2022).

Tal conjuntura de transformação social, que busca conscientizar a população sobre a desconstrução dos papéis de gênero e das crenças sexistas sobre o papel das mulheres no mercado de trabalho, tem exercido um forte impacto na vida dos indivíduos (Borges, 2013). Diante desse contexto, grandes corporações vêm buscando alinhar suas políticas de marketing com a intenção de permanecerem em alta no mercado politicamente transformado pela presença de minorias ativas. Um exemplo notável é a empresa dinamarquesa de brinquedos LEGO que em 2021 encomendou ao Geena Davis Institute on Gender in Media uma pesquisa transcultural de mercado sobre como pais e crianças associavam diferentes tipos de brinquedos e brincadeiras a meninos e meninas. Os dados revelam que tanto os pais quanto as crianças tendiam a perceber as atividades artísticas e domésticas como brincadeiras femininas, enquanto as brincadeiras relacionadas à estimulação da curiosidade, do raciocínio e das ciências exatas e naturais eram associadas à masculinidade.

Diante dos resultados, a LEGO planejou uma campanha de marketing destinada a incentivar as meninas a se interessarem por atividades percebidas como "masculinas". Não obstante, a empresa não adotou medidas para promover a participação dos meninos em brinquedos e atividades associadas aos afazeres domésticos e às artes. Assim, apesar

de ter havido um estímulo para que as meninas superassem as barreiras das atividades tradicionalmente consideradas masculinas, o mesmo não foi feito para encorajar os meninos a se envolverem em atividades percebidas como femininas. Portanto, embora seja uma iniciativa de grande importância, a ação da empresa não estava efetivamente contribuindo para a desconstrução completa dos papéis de gênero, nem para promover a visão de que não existem atividades tipicamente femininas ou masculinas.

O movimento feminista tem desempenhado um papel crucial na busca pela equidade de gênero no ambiente profissional, advogando pela igualdade salarial e combatendo diversas formas de assédio (Prá & Epping, 2012; Marta & Morais, 2019). Esta mobilização global tem resultado em uma crescente presença e influência das mulheres em ambientes urbanos e ocidentais. No entanto, persistem inúmeras barreiras que precisam ser superadas, é o caso do fenômeno conhecido como "teto de vidro", que representa a dificuldade das mulheres em alcançar posições de liderança e gestão nas organizações (Vaz, 2013). Esse termo, amplamente utilizado na literatura acadêmica, descreve a barreira invisível formada por estruturas institucionais que restringem o avanço profissional das mulheres, muitas vezes relegando-as a responsabilidades diárias relacionadas ao trabalho não remunerado e à maternidade. A intensificação da dupla jornada feminina durante a pandemia de Covid-19 ilustra vividamente essas desigualdades persistentes (Macêdo, 2020).

Para compreender a abordagem das pesquisas sobre Masculinidade e Feminilidade na produção científica relacionada aos papéis de gênero e à percepção da discriminação, realizou-se uma pesquisa bibliográfica na plataforma Periódicos Capes, que reúne diversos indexadores acadêmicos, com o intuito de universalizar o conhecimento científico. Nessa etapa, foram estabelecidos critérios específicos de inclusão: os artigos selecionados deveriam estar publicados em revistas revisadas por

pares e terem sido disponibilizados nos últimos cinco anos. Como resultado, identificaram-se 556 artigos abordando o tema do Sexismo Ambivalente, enquanto apenas 57 tratavam da Masculinidade Precária como descritor. A discrepância entre as produções sobre o preconceito e as crenças associadas às mulheres, em comparação com a discussão sobre o cerne da formação da identidade masculina, evidencia uma lacuna na compreensão de como a outra parcela da população brasileira – representando 48,9% de acordo com dados da última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – é percebida e confronta a realidade social.

A escolha do construto de Masculinidade Precária decorre da recente produção científica sobre o tema, conduzida por psicólogos epistemologicamente situados na Psicologia Social, conforme referenciado neste trabalho (Vandello et al., 2008; Bosson & Vandello, 2011; Vandello & Bosson, 2013; O'Connor et al., 2017; Bosson et al., 2021). Importante salientar que essa escolha não implica na exclusão de conceitos clássicos na literatura, como a Masculinidade Hegemônica (Connell & Messerschmidt, 2013), amplamente empregada nas ciências sociais e humanas para descrever a característica grupal predominante entre os homens, além da noção de Virilidade (Voks, 2021), que engloba um conjunto de características biopsicossociais que definem a identidade masculina e justificam suas diferenças em relação às mulheres.

Na esfera da psicologia social, a Masculinidade Precária emerge como um conceito-chave adotado por pesquisadores para elucidar fenômenos que afetam diretamente o grupo masculino e suas interações sociais em diversas esferas. É importante ressaltar que o termo "precária" reflete as discussões em curso sobre a "Masculinidade frágil", evidenciando a fragilidade da identidade masculina em certos contextos. Em sua investigação sobre os ônus associados à manutenção de um status elevado, Baére e Zanello (2020) destacam os desafios psicossociais enfrentados pelos homens, que muitas

vezes lutam para desenvolver um repertório emocional satisfatório. Esta dificuldade emocional pode contribuir para índices aumentados de depressão e ideação suicida entre os homens. Compreender a complexidade da formação da identidade masculina e suas consequências é crucial para abordar lacunas na saúde e no cuidado masculinos.

Considerando esses aspectos, a predominância de casos de depressão entre homens em comparação com mulheres tem direcionado os estudos sobre saúde masculina para questões de cuidado e bem-estar (Separavich & Canesqui, 2013; Lima et al., 2020). Algumas crenças arraigadas podem contribuir para essa negligência em relação à saúde, como a ideia de que os homens devem ser os únicos provedores financeiros do lar e lidar com adversidades sem demonstrar vulnerabilidade emocional ou cognitiva (Quirino et al., 2016). A orientação sexual também desempenha um papel crucial, como destacado por Baére e Zanello (2020), na medida em que homens que desafiam as normas de gênero predominantes, ao expressarem interesse afetivo-sexual por parceiros do mesmo sexo, enfrentam o estigma da heteronormatividade, o que pode resultar em fenômenos como a internalização da homofobia. Como consequência, homens gays enfrentam uma maior vulnerabilidade ao abandono familiar e à ideação suicida (Perucchi et al., 2014).

Entre os movimentos oscilantes entre a defesa dos papéis de gênero tradicionais e o impulso por mudanças em direção a uma sociedade mais equitativa, esta pesquisa tem como objetivo investigar em medida a adesão à crenças numa Masculinidade Precária (Vandello et al., 2008) e ao Sexismo Ambivalente (Glick & Fiske, 1996) influenciam atitudes frente a situações normativas e contranormativas relacionadas à divisão sexual dos papéis de gênero, em cenários envolvendo crianças de diferentes sexos e na presença de seus pais.

Sendo um fenômeno presente em culturas ao redor do mundo, o preconceito está ancorado, globalmente, em crenças e ideologias que legitimam a desvalorização e

precarização das condições de viver das minorias sociais (Santos & Cerqueira-Santos, 2022). Crenças, como a de que uma vítima de violência sexual estava exposta ao risco por uma roupa curta, legitimam atitudes violentas, fazendo com que os grupos (por exemplo, homens e mulheres) tenham repertórios afetivos, comportamentais e cognitivos distintos (Linhares et al., 2022). No entanto, com o avanço do debate feminista e das políticas públicas, o preconceito passou por um processo de sofisticação, apresentando não apenas formas flagrantes, mas também sutis, para que passasse despercebido como algo expressamente desfavorável e passível de repreensão (Connor et al., 2017).

A respeito desse processo de exclusão social, a sofisticação do preconceito foi resumida de forma simbólica na frase “Quando a luva de veludo do Sexismo benevolente falha, o punho de ferro do Sexismo hostil emerge.” (Connor et al., 2016, p. 6), demonstrando que a ambivalência do sexismo engloba tanto sua forma flagrante como sutil. Para instrumentalizar tal construto, Glick & Fiske (1996) teorizam como as novas expressões do que significa ser mulher e estar dentro desse grupo categórico fizeram o fenômeno do Sexismo sofrer uma metamorfose, passando a apresentar além de sua forma Hostil, uma face Benevolente. Tais dimensões utilizam conteúdos estereotípicos e repertórios emocionais e comportamentais para agir diante das mulheres normativas, que seguem um modo de vida fundamentado na manutenção do lar e no cuidado com o outro, e das contranormativas, que rompem com as expectativas de gênero e confrontam o status quo.

De acordo com Glick & Fiske (1996), o Sexismo Ambivalente é mantido e enraizado nas sociedades ao redor do mundo por meio de três características que são fundamentais em sociedades patriarcais e machistas: o paternalismo, a distintividade grupal e a heteronormatividade. O paternalismo está relacionado à maneira como a sociedade trata as mulheres como indivíduos a serem protegidos e cuidados em troca da

manutenção de um sistema produtivo centrado nos homens. Isso se reflete na questão da jornada dupla das mulheres, tanto no mercado de trabalho quanto em casa, além de manifestar-se em formas de abuso sutis (Lutzky & Lawson, 2019).

No que diz respeito à distintividade grupal, o aspecto psicológico central que influencia as interações entre homens e mulheres (Cabecinhas, 2004), observam-se eventos que buscam justificar e normalizar a predominância masculina em profissões historicamente associadas a eles, baseando-se em estereótipos que retratam os homens como mais racionais e as mulheres como mais emotivas (por exemplo, engenheiros). Nessa direção, a divisão sexual do trabalho perpetua estruturas sociais que reforçam a estrutura da sociedade, Viana et al. (2018) destacam que, apesar dos avanços das mulheres em espaços tradicionalmente masculinos, elas ainda enfrentam mais desconfiança do que os homens nessas mesmas áreas. Além disso, as autoras evidenciam que os desafios enfrentados pelos homens ao ocuparem espaços historicamente femininos não derivam do preconceito estrutural e institucional, mas sim da ameaça à sua identidade social como homens.

Por último, a dimensão da heteronormatividade assume um papel crucial nas sociedades conservadoras, influenciando a percepção da orientação sexual (Lima & Lima, 2020). Por exemplo, mulheres lésbicas frequentemente são vítimas de violência sexual, justificada por seus agressores como uma forma de "corrigir" seu comportamento sexual-afetivo considerado desviante (Campos et al., 2017). Após analisar esses três pilares que sustentam a violência sexista, vamos agora diferenciar os dois fatores do Sexismo.

Glick e Fiske (1996) argumentam que o Sexismo Hostil (SH) é fundamentado em ideologias de supremacia e dominação masculina, que sustentam a estrutura patriarcal da sociedade. Ao reforçar os papéis normativos de gênero e os estereótipos associados às

mulheres, essa forma de sexismo é dirigida às mulheres que desafiam imagens normativas do feminino (por exemplo, ser mãe) e/ou que ocupam posições de liderança.

Por outro lado, não são apenas as mulheres que desafiam o status quo que se tornam alvo do Sexismo. O Sexismo Benevolente (SB) tem suas raízes no princípio de que as mulheres são necessárias para a manutenção do modelo paternalista da sociedade (Ferreira, 2004). Ao contrário do racismo, o Sexismo não pode separar a vítima do agressor, pois os homens, enfatizando a heteronormatividade, dependem das mulheres para satisfação sexual e para cuidar do lar (Amorim et al., 2021). Essas demandas perpetuam o SB, promovendo uma visão das mulheres como seres mais calorosos e sensíveis, além de necessitadas de proteção contra ameaças externas, fortalecendo seu papel social na maternidade e na família. Pelo SB, a mulher é percebida como uma figura apoiada pelos homens, ambos colaborando para manter a ordem social.

Os mesmos autores (1996) desenvolveram a Escala de Sexismo Ambivalente, composta por 22 itens que abordam tanto o Sexismo Benevolente quanto o Hostil. A adaptação dessa escala para o contexto brasileiro foi realizada por Formiga et al. (2002), proporcionando uma sólida base para investigar o fenômeno neste estudo. Os autores confirmaram a presença de ambos os fatores, SH e SB, no contexto brasileiro, observando que os homens tendem a demonstrar maior adesão ao Sexismo Hostil do que as mulheres. Embora as médias dos dois fatores sejam semelhantes para os homens, as mulheres tendem a aderir mais ao Sexismo Benevolente do que ao Hostil. Ferreira (2004), ao investigar a adesão à Escala de Sexismo Ambivalente no contexto brasileiro, encontrou evidências de que o fenômeno se replica aqui, destacando uma correlação positiva entre o Sexismo Hostil e o Benevolente.

Vale ressaltar que o Sexismo Benevolente (SB) oferece às mulheres uma espécie de moeda de troca, caracterizada pela oferta de proteção e cuidado, cuja atratividade tem

sido objeto de análise crítica. Connelly & Heesacker (2012) argumentam que a predominância desse fenômeno se deve, em grande parte, à percepção de que ele proporciona mais benefícios do que desvantagens para as mulheres. Esta percepção pode estar relacionada à maneira como as mulheres são tratadas, servindo para justificar e perpetuar o sistema de desigualdade de gênero em que estão inseridas. O SB é considerado pernicioso, uma vez que reforça a estrutura desigual da sociedade, fundamentada em papéis de gênero, e acaba por legitimar atitudes hostis em relação às mulheres que desafiam esses papéis.

Com o avanço tecnológico, essa ambivalência tem se tornado cada vez mais complexa, especialmente devido ao papel da internet na formação de opiniões mais fundamentadas sobre uma variedade de temas (Bocchi, 2016). Connor et al. (2017) destacam que, apesar desses avanços, o Sexismo Benevolente (SB) tem sido utilizado de forma prejudicial, coagindo mulheres e incentivando-as a se tornarem defensoras do patriarcado, resultando em danos difíceis de remediar. Além disso, os autores destacam como os homens também são afetados por essa estrutura social baseada em papéis de gênero, muitas vezes tornando-se reféns de formas sutis de Sexismo.

Viana et al. (2018), em sua investigação sobre a percepção de homens e mulheres que ocupam posições contrárias às normas de gênero, revelaram que as engenheiras enfrentam desafios relacionados ao machismo institucional, que as impede de avançar em suas carreiras e ganhar respeito de seus colegas. Por outro lado, os enfermeiros não são confrontados com a necessidade de provar sua competência profissional, mas são frequentemente estereotipados como prováveis homossexuais devido à natureza de sua profissão, o que os leva a serem percebidos como menos masculinos. Assim, compartilhar uma profissão predominantemente feminina é considerado como um sinal de baixo status para os homens em termos de identidade de gênero, pois à medida que ocupam posições

tradicionalmente associadas às mulheres, sua posição social é questionada (Viana et al., 2020).

Para compreender os impactos pessoais negativos associados ao ocupar um lugar de prestígio na divisão sexual do mundo, Vandello et al. (2008) propõem a noção de Masculinidade Precária, caracterizada pela dificuldade em ser conquistada devido ao seu alto status e pela facilidade em ser perdida diante das pressões sociais que os homens enfrentam para manter essa posição. Segundo os autores, quando confrontados sobre sua masculinidade, os homens frequentemente apresentam níveis elevados de ansiedade e estresse, procurando maneiras de restaurar rapidamente seu status. Tradicionalmente, os estudos de gênero focaram nos prejuízos enfrentados pelas mulheres devido ao sexismo, levando à suposição de que os homens não seriam afetados pelo sistema que os privilegia, no entanto, evidências apresentadas a seguir contradizem essa concepção.

Vandello et al. (2008) abordam a Masculinidade não como um conceito inato, mas sim como um construto social moldado pelas normas e expectativas de uma sociedade patriarcal. Essa perspectiva desafia a visão de que os papéis sociais masculinos são intrinsecamente naturais, enfatizando que a concepção de naturalidade reforça a manutenção da dominação masculina (Bourdieu, 1995). Nesse sentido, o conceito de Masculinidade Precária nos leva a considerar a violência e a dominação masculina sobre as mulheres como mecanismos para reafirmar a identidade social masculina (Fernandes & Pereira, 2018). Bosson e Vandello (2011) destacam a importância de os homens reafirmarem sua pertença ao grupo masculino por meio de ações, tanto simbólicas quanto materiais, o que muitas vezes se manifesta em gestos agressivos, especialmente em culturas como a da América Latina, onde o papel de provedor da família é fundamental (Silva et al., 2020).

Vandello e Bosson (2013) conduziram uma revisão da literatura com o intuito de examinar se o construto da Masculinidade está verdadeiramente em contraposição à Feminilidade. Os estudos analisados abrangeram uma ampla gama de tópicos, desde ameaças ao status grupal até cuidados com a saúde masculina, revelando que os homens enfrentam maiores níveis de estresse e negligência relacionados ao seu gênero. Isso ocorre porque, para reafirmarem sua identidade diariamente, os homens evitam participar de atividades percebidas como femininas. Além disso, o estudo destaca que ao longo do desenvolvimento histórico, a construção da Masculinidade tem persistido desde as eras da industrialização até a contemporaneidade. O artigo também enfatiza a importância de pesquisas de métodos mistos capazes de elucidar os impactos cognitivos, afetivos e comportamentais da experiência de gênero masculina.

O estudo realizado por Vandello et al. (2013) abordou a questão da equidade de gênero em dois experimentos relacionados à flexibilidade no ambiente de trabalho, com o objetivo de investigar como homens e mulheres no mercado de trabalho avaliariam candidatos a emprego que demonstrassem equilibrar igualmente o tempo entre trabalho e família. Os participantes observaram a situação de um candidato disposto a se envolver nas responsabilidades familiares diárias e o perceberam como menos masculino. Essa percepção foi justificada pelo fato de que o "desprendimento" do trabalho foi associado negativamente à noção de competência.

Sob uma abordagem distinta, Kosakowska-Berezecka et al. (2016) exploraram cenários nos quais não havia distinções marcantes entre homens e mulheres, evidenciando que crenças biologicistas sobre a masculinidade estão integradas ao repertório cognitivo dos indivíduos (por exemplo, a noção de que homens mais masculinos produzem mais testosterona), e isso está associado ao apoio e à promoção da igualdade de gênero. Assim,

concepções enraizadas sobre seu papel dominante e hegemônico têm um impacto direto no envolvimento político dos homens.

A norma da Masculinidade não é apenas reafirmada cotidianamente em culturas majoritariamente conservadoras e patriarcais. Bosson et al. (2021) revelam que o construto da Masculinidade Precária é confirmado em 62 países, demonstrando uma transversalidade cultural e um enraizamento independente das especificidades dos países. Apesar da imagem e da adesão estereotípica sobre homens serem mais brandos em nações com maiores índices de equidade de gênero, a não problematização e a falta de políticas públicas fomentando a igualdade entre os homens acaba causando prejuízos em todo o planeta.

Por fim, é crucial ressaltar que, ao discutirmos as relações de gênero, que abrangem o Sexismo e as concepções de Masculinidade, ao longo do processo histórico e cultural, valores normativos foram solidificados quanto ao comportamento esperado dos membros de determinados grupos. Costa-Lopes et al. (2013) destacam que as normas sociais desempenham duas funções distintas: uma prescritiva, delineando o que é socialmente aceito para os membros de um grupo; e outra descritiva, indicando o que é observado na maioria dos casos para indivíduos pertencentes a um grupo específico. Esses autores explicam como as normas sociais evoluem em resposta à norma antipreconceito predominante na sociedade, resultando em uma redução das expressões flagrantes de preconceito, enquanto as formas sutis permanecem.

Com base nas discussões anteriores sobre a Masculinidade Precária e o Sexismo Ambivalente, este estudo propõe investigar como a adesão a esses construtos influencia a resposta das pessoas a situações que envolvem a conformidade ou a violação das normas de gênero. O objetivo é analisar como essas crenças moldam as atitudes e

comportamentos das pessoas diante das expectativas sociais relacionadas aos papéis de gênero.

Com o intuito de explorar a influência da adesão às crenças na Masculinidade Precária e no Sexismo Ambivalente na tomada de posição diante de situações normativas e contranormativas relacionadas à divisão sexual dos papéis, foram formuladas as seguintes hipóteses:

H0: Não haverá diferença entre as atitudes frente os cenários normativos e contranormativos.

H1: Conforme proposto por Costa-Lopes et al. (2013), não se espera diferença significativa entre os cenários experimentais em condições normativas, uma vez que as normas sociais desempenham um papel prescritivo e descritivo nas atitudes individuais e percepções.

H2: Antecipa-se uma maior rejeição à decisão do pai nos cenários contranormativos. O desvio dos papéis tradicionais de gênero está associado negativamente à percepção individual, conforme evidenciado por Viana et al. (2018) e Vandello et al. (2013).

H2a: Prevê-se que, no cenário contranormativo para o menino, a decisão do pai seja percebida de forma mais aversiva. Conforme demonstrado por O'Connor et al. (2017), a ativação de uma ameaça no grupo masculino tende a desencadear um movimento de compensação pelo status masculino.

H3: Sugere-se que uma maior adesão às crenças na masculinidade precária esteja associada a uma maior rejeição à decisão do pai em situações contranormativas.

H3a: Em todas as situações, espera-se que a condição na qual o pai compra uma boneca para o menino sofra a maior rejeição. Seguindo a perspectiva de O'Connor et al. (2017) e Vezzosi et al. (2020), crenças religiosas e a adesão à heterossexualidade compulsória

estão associadas a uma maior rejeição de homens que desafiam as expectativas dos papéis de gênero.

H4: Prevê-se que uma maior adesão ao Sexismo Hostil e Benevolente esteja relacionada a uma maior rejeição das situações contranormativas, com um efeito ampliado na condição de menino com boneca.

Método

Delineamento

Trata-se de um estudo quase-experimental, na impossibilidade de aleatorização dos participantes nas condições experimentais, com desenho 2 (tipo de brinquedo: boneca ou carro) X 2 (sexo da criança: menino ou menina).

Instrumentos e Procedimentos de Coleta de Dados

Os participantes foram expostos a um de quatro cenários experimentais e tiveram de responder a sete perguntas sobre a cena, em seguida responderam ao Inventário de Sexismo Ambivalente (Glick & Fisk, 1997) e à Escala de Concepções de Masculinidade (Guerra et al., 2014). Por fim, havia o questionário sociodemográfico.

Foram desenvolvidas quatro histórias diferentes, considerando a manipulação do tipo de brinquedo (boneca ou carrinho) e o sexo da criança (masculino ou feminino). Cada participante foi exposto a uma única história distribuída aleatoriamente.

Em todas as situações, o texto iniciava da seguinte forma:

“Carlos (casado, 30 anos) está acompanhando seu/sua filho/filha de cinco anos em uma loja de brinquedos no shopping. Em dado momento, a criança, que estava brincando pela loja, escolhe um/a carro/boneca para levar para casa e solicita que seu pai o/a compre...”

A partir desse ponto, existiam dois finais para história relatada:

- a) “... Apesar de relutar por um instante, Carlos decide por comprar tal brinquedo para seu/sua filho/filha.” (condições contranormativas). A relutância

na decisão do pai se deu para demarcar a contranormatividade da situação.

b) “... Carlos decide por comprar tal brinquedo para seu/sua filho/filha.”

(condições normativas)

Ao prosseguir, os participantes deveriam responder a quatro afirmações em uma escala tipo Likert variando de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente), a saber: a criança será vítima de bullying; a atitude do pai coloca em risco a estrutura da família; a mãe da criança deveria agir contra a atitude do pai; a sociedade concorda com a decisão do pai. Esses quatro itens formaram uma variável dependente para nossas análises estatísticas nomeada de “percepção da decisão do pai”, agrupadas em um único fator, apresentaram consistência interna de $\alpha = 0.51$.

Na segunda seção, havia um conjunto de escalas, todas em formato Likert de sete pontos, variando de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente):

Inventário do Sexismo Ambivalente desenvolvida por Glick e Fiske (1996) e adaptada para o Brasil por Formiga *et al.* (2002). Este instrumento é composto por dois fatores: Sexismo Benevolente ($\alpha = .82$; e.g. “mulheres têm maior sensibilidade moral”) e Sexismo Hostil ($\alpha = .83$; e.g. “mulheres não dão valor a tudo o que os homens fazem por elas”). Os valores do alfa de Cronbach aqui se referem aos que foram verificados em nosso estudo. Tais fatores apresentaram uma forte correlação entre si ($r = .78$). Sendo assim, foram utilizados conjuntamente, e essa variável foi denominada de Sexismo Ambivalente apresentando $\alpha = .90$.

Escala de Concepções de Masculinidade postulada por Oransky e Fisher (2009) e adaptada para o contexto brasileiro por Guerra *et al.* (2014), composta por três fatores: Heterossexismo ($\alpha = .85$; e.g. “é embaraçoso ter muitos amigos gays”), Restrição Emocional ($\alpha = .69$; e.g. “não é tarefa de um homem confortar um amigo chateado”) e

Esforço Constante ($\alpha = .63$; e.g. “agir como homem deveria ser o objetivo mais importante para rapazes”).

Procedimentos éticos

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética, recebendo parecer favorável (CAAE nº 56550922.7.0000.5188). Todos os participantes responderam ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que assegurava o anonimato e a confidencialidade de suas respostas. Todos responderam individualmente em aplicação coletiva em sala de aula e foram informados sobre a natureza voluntária da participação, e que poderiam deixar o estudo sem qualquer ônus, conforme recomendações éticas (resolução CNS nº 510/16).

Participantes

Inicialmente, o tamanho amostra foi definido utilizando o software *GPower* 3.1.9.7, seguindo os protocolos de Faul et al. (2007). De acordo com o resultado, a amostra mínima deveria ser de 206 participantes, sendo necessários 52 questionários respondidos para cada condição experimental, a fim de fornecer 80% de chance de detectarmos um efeito principal e um efeito de interação ($p < .05$). Desse modo, participaram deste estudo 303 estudantes universitários, com idades variando de 18 a 54 anos ($M = 24.1$; $DP = 5.62$), sendo 50.1% do sexo masculino e 49.9% do sexo feminino. Os participantes se autodeclararam brancos (49.5%), pardos (38.6%), pretos (10.2%), amarelos (1.3%) ou indígenas (0.3%). A maioria (82.8%) se declarou de classe média e obteve uma média de 2.39 ($DP = 1.0$) em relação ao grau de religiosidade, que variava entre 1 “nada religioso” até 5 “muitíssimo religioso”.

Procedimentos de análise de dados

Para contribuir com a análise de dados, os cenários foram aglutinados na seguinte variável numérica denominada nível de contranormatividade onde: 1 (menina com

boneca), 2 (menino com carro), 3 (menina com carro) e 4 (menino com boneca). Logo, conforme o os participantes iam respondendo a maiores níveis de contranormatividade o valor ia sendo escalado.

Os dados foram analisados com o auxílio do *software* SPSS e foram realizadas análises inferenciais e descritivas a fim de caracterizar a amostra: testes bivariáveis de correlação; análises univariadas (ANOVA), para verificar a existência de diferenças significativas entre os cenários experimentais; e regressão hierárquica, para averiguar o poder preditivo das variáveis. Em seguida, foi testado o modelo 7 do PROCESS (Hayes, 2012), que testa um modelo de mediação com dupla moderação, onde inicialmente foi testado os cenários predizendo as atitudes frente a atitude do pai, mediado por restrição emocional e moderado pelo sexismo. Por fim, foi feito o teste do modelo explicativo de mediação simples, onde os níveis de contranormatividade prediziam a percepção da atitude do pai mediada pelo fator restrição emocional.

Resultados

Correlatos entre o nível de contranormatividade, percepção da decisão do pai, sexismo ambivalente e fatores ECM

As análises de correlação foram feitas entre o nível de contranormatividade, o Sexismo Ambivalente, os Fatores da ECM e a percepção da decisão do pai. Os achados demonstram uma correlação negativa dos cenários e do Sexismo com a percepção da decisão do pai a percepção, enquanto as correlações do Sexismo com os fatores da ECM se mostram positivas (Tabela 1).

Tabela 1

Correlatos entre o nível de contranormatividade, percepção da decisão do pai, sexismo ambivalente e fatores da ECM

	1.	2.	3.	4.	5.	6.
1. Nível de contranormatividade	1					
2. Percepção da decisão do pai	-.34 **	1				
3. Sexismo Ambivalente	-.05	-.24 **	1			
4. Esforço constante	.01	.13*	.47**	1		
5. Restrição emocional	.0	.25 **	.55**	.45**	1	
6. Heterossexismo	-.01	.19**	.68**	.41**	.56**	1

* $p < .05$ e ** $p < .01$

A medida que os cenários foram se tornando contranormativos, onde quatro representava o menino brincando com boneca, a correlação com a percepção da decisão do pai foi negativa ($r = -.34, p < .001$). Entretanto, não estão relacionados com o Sexismo Ambivalente ($r = -.05, p = .31$), nem com os fatores da ECM (esforço Constante $r = .01, p = .77$; Restrição Emocional $r = .0, p = .92$; Heterossexismo $r = -.01, p = .79$).

No que diz respeito à percepção da decisão do pai, todas as variáveis tiveram correlações positivas para o Sexismo Ambivalente ($r = .24; p = .00$) e para os fatores da ECM (Esforço Constante $r = .13, p = .01$; Restrição Emocional $r = .25, p = .00$; Heterossexismo $r = .19, p = .00$).

Por fim, o Sexismo Ambivalente se correlaciona de forma positiva com os fatores da ECM (Esforço Constante $r = .47, p = .00$; Restrição Emocional $r = .55, p = .00$; Heterossexismo $r = .68, p = .00$). Demonstrando que existe uma força correlacional entre os fatores de sexismo e as crenças nos papéis de gênero masculinos.

Regressão hierárquica para verificar o poder preditivo das variáveis do estudo

A regressão contou com três blocos de variáveis. No primeiro bloco, estava a variável do nível de contranormatividade; já o segundo bloco foi composto pelo Sexismo Ambivalente, por fim, o terceiro bloco contava com os três fatores da ECM.

No primeiro bloco, foi demonstrado o poder de explicação que os cenários tiveram sobre a percepção dos participantes em relação à decisão do pai em comprar o brinquedo, sendo estatisticamente significativo [$R^2 = .12$; $F(41.25) = 1.30$; $p < .00$;], explicando 12% da variância total. Quando incluído o Ambivalente, este poder explicativo passou para 17% [$R^2 = .17$; $F(31.32) = 2.29$; $p < .00$;]. Quando adicionados os fatores da ECM, o valor explicativo foi incrementado, passando para 19%. Entretanto, somente o fator de restrição emocional foi significativo [$R^2 = .19$; $F(14.40) = 5.296$; $p < .00$;]. Na tabela 2, estão os valores de β e o grau de significância (p).

Tabela 2

Regressão hierárquica para verificar o poder preditivo das variáveis do estudo

	Passo 1	Passo 2	Passo 3
Cenários	-.34 (.00**)	-.34 (.00**)	-.34 (.00**)
Sexismo Ambivalente		.22 (.00**)	.13 (.07)
Esforço Constante			-.00 (.96)
Restrição Emocional			.18 (.00*)
Heterossexismo			-.00 (.91)

Os resultados demonstram que os cenários experimentais predizem a percepção negativa da percepção da decisão do pai ($\beta = -.34$; $p < .00$). No entanto, quando adicionado o Sexismo Ambivalente ($\beta = .22$; $p < .00$), o poder explicativo dos cenários diminui ($\beta = -.33$; $p < .00$). No que diz respeito aos fatores da ECM, apenas a Restrição Emocional

apresenta poder explicativo para percepção da atitude ($\beta = .18$; $p < .00$), aumentando o poder explicativo dos cenários ($\beta = -.34$; $p < .00$), apesar da presença do Sexismo Ambivalente.

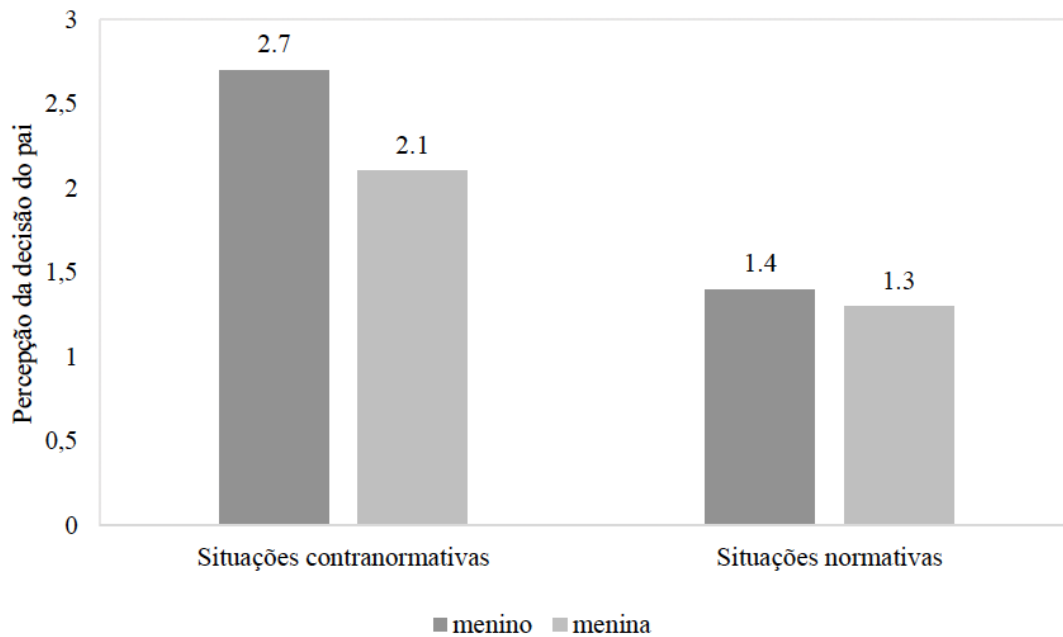
Em relação às hipóteses H3 e H3a, houve o apontamento estatístico de que o fator de Restrição Emocional está vinculado à resposta dos participantes ser de maior rejeição conforme os cenários se tornam contranormativos. Após a regressão, pudemos verificar que os fatores de Esforço Constante e de Heterossexismo não tiveram poder significativo para explicar a percepção negativa dos participantes sobre a decisão do pai. A seguir, estão análises que aprofundam as explicações estatísticas do estudo.

ANOVA da percepção da decisão do pai.

Foi realizada uma ANOVA com teste *post-hoc* Tukey, para evidenciar se as respostas dadas pelos participantes estavam homogêneas para cada situação e seu grau de confiabilidade. O resultado demonstra diferenças estatisticamente significativas [$F(3,29) = 38.44$, $p < .00$] entre o nível de contranormatividade e a percepção da decisão do pai. Para as situações normativas, não houve diferença estatística entre as respostas, sendo Menina com Boneca ($M = 1.37$; $DP = .09$) e Menino com Carro ($M = 1.44$; $DP = .09$), o que comprova nossa H1 e anula a H0, as condições normativas não ativaram a rejeição dos participantes. As diferenças significativas foram encontradas nas situações contranormativas, sendo que a de maior rejeição foi Menino com Boneca ($M = 2.74$; $DP = .11$) seguida da Menina com Carro ($M = 2.18$; $DP = .11$) como pode ser visto na figura 1.

Figura 1

Resultado da ANOVA da percepção da decisão do pai.



Resultado da ANOVA dos cenários experimentais e da percepção da decisão do pai

Nas condições em que o menino brincava com boneca e a menina com carro, as pessoas concordaram menos com a decisão do pai quando comparadas às situações normativas, que entre si não destoam afirmando a H2 do estudo. É provável que as baixas médias entre as situações normativas se expliquem devido ao fato de que não representam uma ameaça, portanto os participantes concordaram mais com a decisão do pai quando o menino brinca de carro e a menina de boneca, reproduzindo a divisão sexual dos papéis.

A situação da menina brincando de carro foi avaliada de forma negativa, pois representa uma ameaça ao status de feminilidade dado às meninas, porém não foi tão negativamente percebida quando comparada com a situação do menino brincando de boneca o que confirma a hipótese H2a. Em conjunto, esses resultados parecem apontar que o fato de as meninas assumirem uma posição historicamente masculina não seria tão ameaçadora à divisão sexual dos papéis quanto os meninos assumindo posições femininas. Esse aspecto será aprofundado na discussão dos resultados.

Modelos explicativos para a percepção da decisão do pai.

A partir dos resultados apresentados até aqui, perguntamo-nos qual seria o papel do Sexismo Ambivalente e da Restrição Emocional sobre a percepção da decisão do pai. Pensamos que a relação entre os cenários experimentais e a tomada de posição seria mediada pela Restrição Emocional, visto que, nas análises das regressões hierárquicas, esse foi o único fator significativo da masculinidade. Supomos, então, que a maior adesão às crenças de Restrição Emocional da masculinidade explica a rejeição dos participantes da decisão do pai nas situações contranormativas. O efeito seria ainda maior na situação do menino brincando com boneca, em consonância com os resultados da ANOVA (Figura 1).

Buscando entender onde se localizam as crenças de Masculinidade e o Sexismo, utilizando Hayes (2017), que destrincha modelos de mediação, moderação e análises condicionais, utilizando regressão, foi escolhido o modelo 7, que propõe uma explicação de mediação moderada sobre os efeitos entre as variáveis do estudo. Como mostrado na figura 2, a Restrição Emocional ($\beta = .3959$; $p < .01$) seria o fator de masculinidade que media a forma como os cenários ($\beta = .0006$; $p = .98$) impactam na Percepção da decisão do pai ($\beta = .4810$; $p < .01$), foi comprovada e pode ser visto na tabela 3. Porém, quanto à H4, de que o Sexismo Ambivalente ($\beta = .0026$; $p = .29$) seria o moderador dessa relação, não foi comprovada.

Figura 2

Representação gráfica do modelo com coeficientes e significância do modelo de mediação moderada

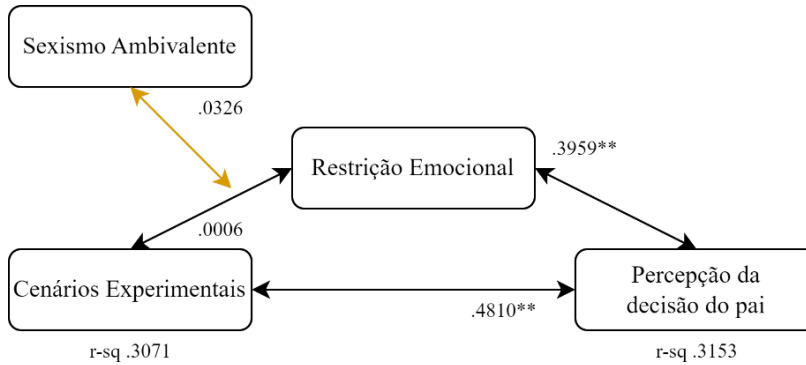


Tabela 3

Coeficientes, erro padrão, teste *t*, significância e intervalo de confiança

	β	SE	<i>t</i>	<i>p</i>	LLCI
1º passo (VD= Restrição Emocional)					
Constante	1.42*	.03	45.4	<.01	1.48
Cenários Experimentais	.00	.02	.020	.98	-.05
Sexismo Ambivalente	.40*	.03	11.4	<.01	.33
Interação	.03	.03	1.05	.29	-.02
2º passo (VD= Percepção da Decisão do Pai)					
Constante	1.3*	.12	11.1	<.01	1.13
Cenários Experimentais	.48*	.04	10.5	<.01	.39
Restrição Emocional	.39*	.07	5.04	<.01	.24

Legenda*. *= $p < 0,05$

No que concerne ao segundo passo, foi demonstrado que a mediação da restrição emocional ($\beta = .48$; $p < .01$) realmente explica a percepção da decisão dos pais em cada cenário experimental ($\beta = .39$; $p < .01$). Como pudemos ver, quanto mais contranormativos

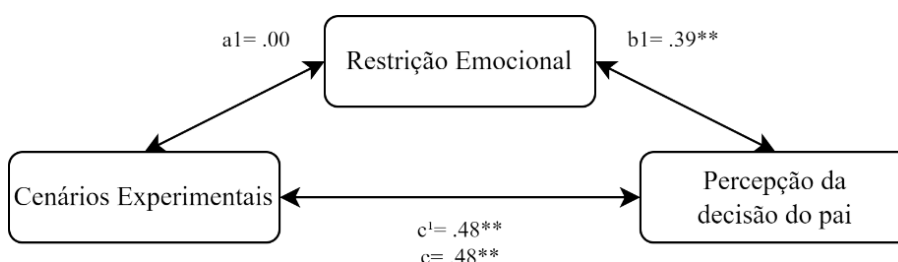
os cenários, maior será a rejeição dos indivíduos frente à situação. Em função de continuar investigando de que modo acontecem essas interações de mediação da restrição emocional, e explicar o porquê de a moderação não ter sido estatisticamente relevante, a figura 2 examina os efeitos modelo de moderação mediada a partir de Hayes (2022).

Por fim, levando em consideração os resultados das análises anteriores, foi desenvolvido o modelo explicativo de número 4 em Hayes (2013), que permite avaliar os efeitos diretos e indiretos de variáveis, através da ferramenta SPSS Process, maximizando o poder de explicação estatística das respostas dos participantes. O efeito indireto representa o impacto da variável mediadora na relação original (isto é, a relação da variável independente na variável dependente). Se o valor 0 não estiver contido no Intervalo de Confiança a 95%, admite-se que a diferença entre os efeitos total e direto foi diferente de 0 e, portanto, o efeito indireto é significativo. Preconizou-se como nível de significância aceitável um valor $p < .05$.

Tendo em conta os resultados observados na regressão hierárquica, testamos o seguinte modelo de mediação, para analisar se os cenários experimentais e a percepção da decisão do pai são mediados pelo fator de restrição emocional da Masculinidade. O efeito total indireto não foi significativo ($\beta=0.00$, 95%, IC [-0.02, 0.03]). O efeito total e o efeito direto dos Cenários (X) na Percepção da Decisão do Pai (Y) foram significativos ($\beta= 0.48$, 95%, IC [0.39, 0.57], $t= 10.51$, $p< .001$). Estes resultados estão ilustrados na figura 3.

Figura 3

Representação gráfica do modelo de mediação coeficientes e significância



Discussão

A partir dos resultados estatísticos obtidos, observa-se que as situações contranormativas despertaram nos participantes uma percepção de ameaça mais acentuada em relação ao que estava sendo proposto, o que corrobora com os achados de O'Connor et al. (2017) sobre o uso do preconceito recreativo para restaurar o status grupal. Além disso, o fato de o menino brincar com uma boneca foi ainda mais negativamente percebido do que a menina brincando com um carro. Este achado sugere que a Norma Social está profundamente enraizada em nossa sociedade, de tal forma que nenhum marcador sociodemográfico foi estatisticamente capaz de explicar por que esses fenômenos ocorreram.

Dada a ampla influência da Norma Social em todas as camadas da sociedade, as situações em que o menino brincava com um carro e a menina com uma boneca não suscitaram nenhuma percepção de ameaça em relação à decisão do pai. Os participantes que responderam aos questionários relacionados a essas condições manifestaram uma neutralidade significativa em relação aos impactos da situação apresentada. Isso sugere que a heteronormatividade e o sexismo desempenharam um papel fundamental em normalizar essas situações, refletindo a estrutura social contemporânea baseada nos papéis de gênero binários ainda forte mesmo em camadas com acesso a altos graus de educação (Vezzosi et al., 2019).

Os resultados não encontraram suporte nos modelos estatísticos testados, tanto o de mediação moderada quanto o de mediação simples. No entanto, é relevante destacar que no primeiro modelo, houve um efeito significativo na mediação, especialmente pelo fator de Restrição Emocional da Masculinidade. Isso pode refletir uma concepção de masculinidade caracterizada pela supressão de emoções e uma reatividade direta diante de situações que ameaçam as normas de gênero (Baére & Zanello, 2020). É evidente que

os cenários experimentais por si só exerceram impacto na percepção dos indivíduos, como indicado pelos efeitos total e direto da mediação.

Considerações finais

A despeito da ausência de significância estatística do Sexismo Ambivalente e da Masculinidade Precária em explicar as discrepâncias de percepção entre os cenários normativos e contranormativos em nosso estudo, é importante reconhecer as limitações deste estudo, incluindo a amostra com um nível educacional acima da média e a complexidade multifatorial dos fenômenos sociais. Sugerimos, portanto, que estudos futuros empreguem instrumentos mais sofisticados para capturar o fenômeno da discriminação heterossexista.

Um aspecto a considerar é que, em estudos sobre preconceito em contextos experimentais, pode ocorrer a ativação da norma anti-preconceito devido à pressão da desejabilidade social. Isso significa que as pessoas podem evitar demonstrar formas de discriminação, especialmente em amostras como a caracterizada acima, que possuem um nível educacional acima da média nacional.

No contexto em que esta pesquisa foi conduzida, Tetreault et al. (2013) destacam que as populações universitárias tendem a ser mais tolerantes, o que pode resultar em respostas mais favoráveis às situações contranormativas de gênero. Recomendamos a replicação deste estudo em populações distintas da amostra atual, como estudantes do ensino médio. Além disso, sugere-se a inclusão de situações envolvendo mães em pesquisas futuras para compreender como a família nuclear e heteronormativa é percebida pelos participantes.

Em pesquisas subsequentes, é imperativo investigar como as vivências de preconceito heteronormativo e sexista, juntamente com experiências de respeito e tolerância, influenciam a formação de crianças e adolescentes ao longo de seu

desenvolvimento. Além disso, ressaltamos a importância de conectar a Masculinidade Precária a outros fenômenos relacionados às dinâmicas de gênero na sociedade brasileira, a exemplo da cultura de honra (Silva et al., 2023).

Diante dos resultados desta pesquisa e discussão em um contexto em que a discriminação permanece uma questão central no debate público, é crucial ressaltar a importância dos psicólogos sociais em investigar a discriminação com grupos minorizados sexo e gênero diversos. Esses estudos são essenciais para que a sociedade possa construir um ambiente mais igualitário e respeitoso em relação à diversidade humana, utilizando dados científicos como base para o desenvolvimento e implementação de políticas públicas. Ao examinarmos como a divisão sexual dos papéis impacta a infância e a prática da paternidade, podemos abordar de maneira crítica as manifestações da desigualdade social, que estão gradualmente evoluindo em nossa sociedade.

Referências

- Amorim, A. K. F., Barbosa, L. H. G. M., Vione, K. C., Ferreira, O. D. L., Mariano, T. E., & Silva, F. L. (2021). Preconceitos que se Cruzam: A Relação entre o Racismo, Sexismo e Valores. *Psico-USF*, 26(2), 253–263. <https://doi.org/10.1590/1413-82712021260205>
- Baére, F. de, & Zanello, V. (2020). Suicídio e masculinidades: uma análise por meio do gênero e das sexualidades. *Psicologia em Estudo*, 25. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v25i0.44147>
- Bocchi, A. F. D. A. (2016). A militância feminista na web: o funcionamento da argumentação em discursos sobre a violência no parto. *Linguagem em (Dis)curso*, 16(2), 309–328. <https://doi.org/10.1590/1982-4017-160207-4515>
- Borges, C. de C. (2013). Mudanças nas trajetórias de vida e identidades de mulheres na contemporaneidade. *Psicologia em Estudo*, 18, 71–81.
- Bosson, J., Jurek, P., Vandello, J., Kosakowska-Berezecka, N., Olech, M., Besta, T., Bender, M., Hoorens, V., Becker, M., Sevincer, A., Best, D., Safdar, S., Wlodarczyk, A., Zawisza, M., Zadkowska, M., Abuhamed, S., Agyemang, C., Akbas, G., Albayrak-Aydemir, N., ... Zukauskienė, R. (2021). Psychometric Properties and Correlates of Precarious Manhood Beliefs in 62 Nations. *Journal of cross-cultural psychology*, 52(3), 231–258. <https://doi.org/10.1177/0022022121997997>
- Bosson, J. K., & Vandello, J. A. (2011). Precarious Manhood and Its Links to Action and Aggression. *Current Directions in Psychological Science*, 20(2), 82–86. <https://doi.org/10.1177/0963721411402669>
- Brasil. (2018). Lei n.º 13.718, de 24 de setembro de 2018. Dispõe sobre crimes contra a dignidade sexual e inclui o crime de importunação sexual. Diário Oficial da União,

Brasília, DF. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2018/lei/L13718.htm

Cabecinhas, R. (2004). Representações sociais, relações intergrupais e cognição social. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 14(28), 125–137. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2004000200003>

Campos, B., Tchalekian, B., & Paiva, V. (2020). Violência contra a mulher: vulnerabilidade programática em tempos de SARS-COV-2/COVID-19 em São Paulo. *Psicologia & Sociedade*, 32, e020015.

Connell, R. W., & Messerschmidt, J. W. (2013). Masculinidade hegemônica: Repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, 21(1), 241–282. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>

Connelly, K., & Heesacker, M. (2012). Why Is Benevolent Sexism Appealing?: Associations With System Justification and Life Satisfaction. *Psychology of Women Quarterly*, 36(4), 432–443. <https://doi.org/10.1177/0361684312456369>

Connor, R. A., Glick, P., & Fiske, S. T. (2016). Ambivalent Sexism in the Twenty-First Century. Em C. G. Sibley & F. K. Barlow (Orgs.), *The Cambridge Handbook of the Psychology of Prejudice* (p. 295–320). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/9781316161579.013>

Costa-Lopes, R., Dovidio, J. F., Pereira, C. R., & Jost, J. T. (2013). Social psychological perspectives on the legitimation of social inequality: Past, present and future. *European Journal of Social Psychology*, 43(4), 229–237. <https://doi.org/10.1002/ejsp.1966>

Fernandes, S. C. S., & Pereira, M. E. (2018). Endogrupo versus Exogrupo: O papel da identidade social nas relações intergrupais. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 18(1), 30–49. <https://doi.org/10.12957/epp.2018.38108>

- Ferreira, M. C. (2004). Sexismo hostil e benevolente: Inter-relações e diferenças de gênero. *Temas em Psicologia, 12*(2), 119–126.
- Formiga, N. S., Golveia, V. V., & Santos, M. N. D. (2002). Inventário de sexismo ambivalente: Sua adaptação e relação com o gênero. *Psicologia Em Estudo, 7*(1). <https://doi.org/10.1590/S1413-73722002000100013>
- Glick, P., & Fiske, S. (1996). The Ambivalent Sexism Inventory: Differentiating Hostile and Benevolent Sexism. *Journal of Personality and Social Psychology, 70*, 491–512. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.70.3.491>
- Kosakowska-Berezecka, N., Besta, T., Adamska, K., Jaśkiewicz, M., Jurek, P., & Vandello, J. A. (2016). If my masculinity is threatened I won't support gender equality? The role of agentic self-stereotyping in restoration of manhood and perception of gender relations. *Psychology of Men & Masculinity, 17*(3), 274–284. <https://doi.org/10.1037/men0000016>
- Lima, L. C. D. A., & Lima, I. C. C. (2020). O neoconservadorismo religioso e heteronormatividade: A “bolsonarização” como produção de sentido e mobilização de afetos. *Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais, 28*, 325–350. <https://doi.org/10.47284/2359-2419.2020.28.325350>
- Linhares, L. V. L., & Torres, A. R. (2022). She deserved it: Analysis of variables that influence the accountability of victims of sexual violence. *Acta Colombiana de Psicología, 25*(1), 218–229. <https://doi.org/10.14718/ACP.2022.25.1.14>
- Linhares, L. V., Torres, A. R. R., & Diniz, F. C. de O. R. (2022). “But she was drunk”: Sexual violence and Blaming the victim. *Psicología, Conocimiento y Sociedad, 12*(1).
- Lutzky, U., & Lawson, R. (2019). Gender Politics and Discourses of #mansplaining, #manspreading, and #manterruption on Twitter. *Social Media + Society, 5*(3), 205630511986180. <https://doi.org/10.1177/2056305119861807>

Macêdo, S. (2020). Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia COVID-19:

Tecendo sentidos. *Revista do NUFEN*, 12(2), 187–204.

<https://doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol12.nº02rex.33>

Marta, M. A., & Morais, A. R. R. (2019). Gênero e o assédio moral nos espaços

organizacionais de trabalho: Exclusão que causam feridas. *Revista Latino-americana de Geografia e Genero*, 10(1), 109–125. <https://doi.org/10.5212/Rlagg.v.10.i1.0006>

O'Connor, E. C., Ford, T. E., & Banos, N. C. (2017). Restoring Threatened Masculinity:

The Appeal of Sexist and Anti-Gay Humor. *Sex Roles*, 77(9), 567–580.

<https://doi.org/10.1007/s11199-017-0761-z>

Oransky, M., & Fisher, C. (2009). The development and validation of the meanings of adolescent masculinity scale. *Psychology of Men & Masculinity*, 10(1), 57–72.

<https://doi.org/10.1037/a0013612>

Perucchi, J., Brandão, B. C., & Vieira, H. I. D. S. (2014). Aspectos psicossociais da

homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. *Estudos de Psicologia*, 19(1), 67–76. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2014000100009>

Prá, J. R., & Epping, L. (2012). Cidadania e feminismo no reconhecimento dos direitos

humanos das mulheres. *Revista Estudos Feministas*, 20(1), 33–51.

<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2012000100003>

Quirino, T., Medrado, B., & Lyra, J. (2016). Health care to men in the daily on primary

care: Dialogues with men and professionals. *Athenea Digital. Revista de pensamento e investigación social*, 16(3), 481.

<https://doi.org/10.5565/rev/athenea.2023>

Santos, J. J., & Cerqueira-Santos, E. (2022). Prejudice against sexual and gender diversity

and beliefs about sex education among university students. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 39, e200017. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202239e200017>

- Separavich, M. A., & Canesqui, A. M. (2013). Saúde do homem e masculinidades na Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem: Uma revisão bibliográfica. *Saúde e Sociedade*, 22(2), 415–428. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902013000200013>
- Silva, F. L., Araújo, H. M. da S., Santos, A. M. D., & Torres, A. R. R. (2023). Escala de Cultura de Honra: Adaptação transcultural ao contexto brasileiro: cross-cultural adaptation to the brazilian context. *Revista Psicologia em Pesquisa*, 17(3), Artigo 3. <https://doi.org/10.34019/1982-1247.2023.v17.37329>
- Tetreault, P. A., Fette, R., Meidlinger, P. C., & Hope, D. (2013). Perceptions of Campus Climate by Sexual Minorities. *Journal of Homosexuality*, 60(7), 947–964. <https://doi.org/10.1080/00918369.2013.774874>
- Vandello, J. A., & Bosson, J. K. (2013). Hard won and easily lost: A review and synthesis of theory and research on precarious manhood. *Psychology of Men & Masculinity*, 14(2), 101–113. <https://doi.org/10.1037/a0029826>
- Vandello, J. A., Bosson, J. K., Cohen, D., Burnaford, R. M., & Weaver, J. R. (2008). Precarious manhood. *Journal of Personality and Social Psychology*, 95(6), 1325–1339. <https://doi.org/10.1037/a0012453>
- Vandello, J. A., Hettinger, V. E., Bosson, J. K., & Siddiqi, J. (2013). When Equal Isn't Really Equal: The Masculine Dilemma of Seeking Work Flexibility. *Journal of Social Issues*, 69(2), 303–321. <https://doi.org/10.1111/josi.12016>
- Vaz, D. V. (2013). O teto de vidro nas organizações públicas: Evidências para o Brasil. *Economia e Sociedade*, 22(3), 765–790. <https://doi.org/10.1590/S0104-06182013000300007>
- Vezzosi, J. Í. P., Ramos, M. D. M., Segundo, D. S. D. A., & Costa, A. B. (2019). Crenças e Atitudes Corretivas de Profissionais de Psicologia sobre a Homossexualidade.

Psicologia: Ciência e Profissão, 39(spe3), e228539. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003228539>

Viana, H. A., Sousa, A. W. L. de, & Torres, A. R. R. (2018). Engenheiras e enfermeiros: estereótipos, discriminação e desafios de profissionais contranormativos.

Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura, 29.

<https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/9623>

Viana, H. A., Torres, A. R. R., & Álvaro Estriamana, J. L. (2020). Egalitarian men: Stereotypes and discrimination in the labor market. *Acta Colombiana de Psicología*, 23(2), 111–147. <https://doi.org/10.14718/ACP.2020.23.2.6>

Voks, D. J. (2021). Virilidade e os discursos masculinistas: Um “novo homem” para a sociedade brasileira. *Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)*, 37, e21204.

<https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2021.37.e21204a>